

Cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha Dez anos de um 'casamento feliz'

«Se não tivéssemos feito mais nada», aquele que era um dos objetivos da Cátedra Eduardo Lourenço (CEL) teria ficado «cumprido pela publicação, em 2014, do livro *Do colonialismo como nosso impenhado*», da autoria do patrono da cátedra, que assinala em 2017 os 10 anos da sua criação na Universidade de Bolonha (UB), no âmbito da Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras, com o apoio do Camões, I.P.

O juízo pertence a Margarida Calafate Ribeiro, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, cotitular da CEL, juntamente com o professor italiano Roberto Vecchi, reeleito em julho Presidente da Associação Internacional dos Lusitanistas (v. artigo neste suplemento). Quando foi criada, a CEL visava em primeira mão 'casar' os estudos culturais, «mais clássicos do ponto de vista da história da cultura portuguesa», «com aquilo que é o pensamento e o desenvolvimento dos estudos pós-coloniais», explica Margarida Calafate Ribeiro, que classifica esse 'casamento' como «feliz» ao longo destes 10 anos. A obra de Eduardo Lourenço – com organização e prefácio dos dois titulares da cátedra e a colaboração de João Nuno Alçada – é na opinião da professora de Coimbra «um grande livro sobre a questão colonial em Portugal, um dos grandes fantasmas do pensamento de Eduardo Lourenço». Livro novo na biblio-



Margarida Calafate Ribeiro

grafia do autor, representou, no dizer de Margarida Calafate Ribeiro, um desafio para o próprio pensador português.

QUESTÃO EUROPEIA

A obra que reflete sobre a questão colonial em Portugal, «desde o final dos anos 50 até hoje», «reúne os grandes textos – praticamente todos os textos – de Eduardo Lourenço

sobre a questão colonial, contendo 5 inéditos, que não foram publicados devido às circunstâncias políticas da ditadura portuguesa e da guerra colonial de então, mas que foram escritos nos anos 60 e que mostram como a questão colonial portuguesa era pensada por Eduardo Lourenço não apenas enquanto uma questão colonial portuguesa, mas como uma questão europeia», sublinha inves-

tigadora portuguesa (v. caixa). Eduardo Lourenço é matricial na investigação da cátedra, porque «é de facto um pensador de dimensão europeia, como aliás foi reconhecido pelos vários colegas, na ocasião» do seu doutoramento honoris causa pela Universidade Bolonha, indica a académica portuguesa.

A obra foi entretanto lançada em espanhol em novembro de 2016, numa colaboração com a Cátedra Fernando Pessoa, da Universidade de los Andes, na Colômbia, dirigida pelo professor Jerónimo Pizarro, colaboração essa que parece «muito importante» a Margarida Calafate Ribeiro «no âmbito do trabalho que o Instituto Camões faz com as cátedras» em vários países.

Se o livro tivesse sido a única iniciativa no campo da história da cultura e do pensamento contemporâneos portugueses, a cátedra já teria «dado um grande contributo», mas Margarida Calafate Ribeiro invoca muitas outras contribuições no quadro das «duas vocações» da CEL: o ensino e a investigação.

O papel da cátedra na formação, nomeadamente avançada, traduz-se no curso semestral de 'História da Cultura Portuguesa' ministrado presencialmente na UB pelos titulares da cátedra, «algumas vezes com convidados». «Tem tido bastante procura e sucesso, nomeadamente na formação de alunos que depois escolhem [o tema] para doutoramentos», mormente no âmbito do Centro de Estudos Sociais (CES)

da Universidade de Coimbra, onde Margarida Calafate tem a sua posição académica.

Os titulares da cátedra são responsáveis ainda pela produção de dois cursos em linha na área dos estudos pós-coloniais, através da plataforma de ensino a distância do Camões, I.P. O primeiro – Portugal e os Pós-Colonialismos: conceitos, contextos e vozes –, para falantes de português, é um curso de longa duração (500 horas). Segundo Margarida Calafate Ribeiro, já foram formadas cerca de 100 pessoas, número que reputa como «significativo» e que atesta o sucesso do curso. O segundo curso – Estudos Pós-coloniais – Atlânticos Sul – é de duração mais reduzida (168 horas) e tem tido «formandos de origem extremamente diversa, sobretudo do ponto de vista geográfico».

PROJETOS

Quanto à investigação desenvolvida pelo CEL, Margarida Calafate Ribeiro explica primeiro que a cátedra «não tem um corpo de investigadores». «Tem equipas que se associam, através dos titulares». Mas tem tido «como instituição de acolhimento o CES da Universidade de Coimbra». Aliás, refere, um dos aspetos importantes da CEL é a parceria que se estabeleceu entre a UB e o CES, através do Instituto Camões, parceria essa «que vai além da cátedra». «A cátedra é uma plataforma que tem vindo – com o próprio pensamento do Eduardo Lourenço – a criar um nível de interdisciplinaridade e de reflexão académica que parece ter sido bastante produtivo e que continuará a ser», diz a cotitular da CEL.

Dos projetos de investigação em que esteve «sempre» com o seu

Associação Internacional de Lusitanistas XII Congresso abre fronteira a Oriente

«É um «panorama muito diversificado e vivo» sobre o estado dos estudos portugueses e dos estudos sobre os países de língua portuguesa que o reeleito Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) retira dos trabalhos do XII Congresso desta organização, realizado em julho, em Macau, que marcou também a abertura de uma «nova fronteira» a Oriente aos lusitanistas. Considerando ser «difícil captar uma tendência dominante» nesta área de estudos, o professor da Universidade de Bolonha Roberto Vecchi afirma, numa entrevista escrita, que comparando com o passado existe o predomínio de dois fatores na «mediação entre estudos literários e culturais». Por um lado, diz, há «uma revisão e um rearme epistemológicos das ciências humanas na contemporaneidade (que foi enfatizada pela con-

ferência plenária da professora [da Universidade do Porto] Isabel Pires de Lima, dedicada a este tema»; «por outro, o uso de uma perspetiva cultural para aprofundar questões que se referem também de modo mais amplo aos contextos sociais (com uma acentuação em âmbitos como os estudos pós-coloniais, estudos femininos e culturais onde sobressai sempre o questionamento e a categorização do poder)». No plano da linguística, Vecchi regista como «extremamente interessantes» – considerando o contexto do congresso – os estudos especializados dedicados à língua portuguesa, «em particular aos problemas relacionados com a glotodidática [estudo das condições psicológicas, fisiológicas, ambientais e administrativas do ensino e aprendizagem da língua] e o ensino superior». «Esta característica marcou uma vertente significativa

das intervenções neste âmbito». No balanço geral, Vecchi indica que para além de eleger uma nova presidência para o período de 2018-2020, «substancialmente confirmando uma linha de continuidade com a gestão anterior» e de «consolidação», o congresso apreciou «a potencialidade da abertura da nova fronteira na Ásia» – que, pela primeira vez, acolheu uma reunião magna da AIL – e «elogiou (...) a força cultural e o impulso político que na China a língua portuguesa está a encontrar contando com um consistente investimento institucional». Acrescenta que os congressistas saíram de Macau «com a convicção de que o caminho está traçado: a AIL é uma plataforma associativa diversificada e cosmopolita que, a partir do quadro que se formou à nossa volta aqui na Ásia, pode olhar com otimismo o próprio futuro pelo crescente interesse que as suas áreas



de especialização e interesses estão a conhecer».

Organizado com o concurso do Instituto Politécnico de Macau, «que foi um anfitrião generoso e inteligente e garantiu condições excelentes de trabalho», no dizer do investigador italiano, o congresso contou com diversos parceiros, «em particular o Camões, a Gulbenkian, a Fundação Macau e as outras instituições locais».

Participaram no congresso 140 académicos (num universo de referência da AIL que abrange cerca de 900 estudiosos), oriundos de 18 países e representando quase 80 universidades, indica Vecchi, que refere a «de-

sistência significativa» nas últimas semanas antes da reunião de cerca de 40 investigadores brasileiros, «devido às dificuldades correntes nos pedidos de subsídios para a realização de viagens científicas». «É pena, porque a comunidade brasileira é a maior comunidade de associados da AIL e é uma parte fundamental da nossa identidade».

FUTURO ASIÁTICO

Do outro lado da balança, «o prazer de conhecer os novos colegas asiáticos, em particular chineses e de Macau», cujas comunicações e participações mostraram «o potencial que existe numa associação

colega Roberto Vecchi, a professora universitária portuguesa destaca aquele que deu origem à antologia Memória Poética da Guerra Colonial (Afrontamento, 2011), «que faz uma grande recolha da poesia e da memória poética do conflito armado entre Portugal e as suas antigas colónias africanas». «É um registo novo, porque o registo poético estava feito de uma forma esparsa», sublinha.

Outro projeto foi Os Filhos da Guerra Colonial, Pós-Memória e Representações, em colaboração com docentes da UB que trabalham também na área dos estudos culturais e das questões das memórias das 2ª e 3ª gerações, no caso a guerra colonial. «Foi um projeto novo na altura, porque normalmente este conflito era sempre trabalhado a partir das pessoas que o tinham vivido».

Esse trabalho foi embrionário de um dos «grandes projetos» que existe neste momento entre o CES e a CEL – Memoirs: Filhos do Império e Pós Memórias Europeias, financiado pelo European Research Council – «prosseguindo a ideia inicial Eduardo Lourenço, de que a questão colonial não é uma questão portuguesa, ou francesa ou inglesa, é uma questão europeia». A reflexão deve por isso ser feita com equipas internacionais e é assim que participam no projeto investigadores italianos, franceses, belgas e portugueses. No campo da investigação e divulgação científica, Margarida Calafate Ribeiro atribui igualmente «um espaço importante» a todas as conferências, eventos académicos que ao longo destes anos a cátedra foi organizando e que estiveram na origem de algumas publicações importantes,

nomeadamente em italiano. Destaca vários livros – Atlântico periférico: il postcolonialismo portoghese e il sistema mondiale, organizado por si, Roberto Vecchi e Vincenzo Russo, professor titular da Universidade de Milão. A obra compreende textos de António de Sousa Ribeiro, Boaventura de Sousa Santos e Maria Irene Ramalho, que «têm vindo a refletir sobre Portugal como semiperiferia», uma das classificações de Boaventura de Sousa Santos. «Pareceu-nos importante passar essa reflexão para a língua italiana».

Também com a colaboração de Vecchi e Russo, foi publicada a tradução italiana de Partes de África, livro de ficção do escritor e ensaísta Helder Macedo. Com introdução e posfácio de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, a publicação procura «dar a conhecer ao público italiano uma obra que ambos consideram «fundamental» para o que designam como «o pós-colonialismo português». Mais recentemente, também o escritor e historiador moçambicano João Paulo Borges Coelho foi traduzido para italiano – Índicos Índicos – como «parte de um processo mais alargado de divulgação através da língua italiana».

AS POTENCIALIDADES

Uma outra colaboração resultante das «potencialidades» da cátedra foi, segundo Margarida Calafate Ribeiro, a publicação em 2015 do livro Papéis da Prisão, de José Luandino Vieira, com organização dos titulares da CEL e da estudante de doutoramento Mónica V. Silva. A parceria com o colega italiano foi importante, «não só pela formação filológica de Roberto Vecchi, que é

impar», como também por «toda a reflexão gramsciana», «fundamental, para conseguir fazer sentido, do ponto de vista orgânico, de uma matéria extremamente complexa, que eram duas mil débeis peças de um preso político, escritas em pequenos fragmentos», tornando-as num livro. No dizer da investigadora, esta obra coloca o escritor angolano «ao nível de um Gramsci, de um Nelson Mandela e dos grandes escritores do cárcere e da literatura do século XX e é uma obra única nas literaturas de língua portuguesa». A CEL está agora envolvida na tradução de uma «versão selecionada» preparada por Luandino Vieira para italiano, para espanhol (através da Cátedra Fernando Pessoa, da Universidade de los Andes,) e para inglês (através da Cátedra D. João II, da Universidade Oxford, dirigida pelo professor Phillip Rothwell). Margarida Calafate Ribeiro considera que esta articulação entre cátedras apoiadas pelo Camões, I.P., «é produtiva do ponto de vista da introdução de literaturas, reflexões e culturas».

«Portanto, quando penso na CEL, penso na cátedra em si, mas também em todas as potencialidades que ela abre e que cria», diz a sua cotitular, que dá o exemplo do projeto de doutoramentos 'Patrimónios de Influência Portuguesa', desenvolvido pelo CES, e que tem cotitulação com a UB, Universidade do Algarve, Universidade Federal Fluminense e Universidade de Paris Nanterre La Défense, «através das cátedras, de novo». «A CEL é por natureza uma plataforma de geração de conhecimento e pensamento inovador, mas também de geração de parcerias», sintetiza.

Na origem da reflexão sobre a questão colonial

«Eduardo Lourenço já tinha uma reflexão sobre a questão colonial quando esta «rebenta em Portugal, no sentido real do termo» com a guerra colonial, afirma Margarida Calafate Ribeiro cotitular da Cátedra Eduardo Lourenço a propósito da publicação, em 2014, do livro do pensador português Do colonialismo como nosso impensado por iniciativa desta cátedra da Universidade de Bolonha. O despertar de Eduardo Lourenço para «a questão colonial, que sempre esteve muito presente, mas (...) não ainda verbalizada e escrita», deu-se com «a sua vivência no Brasil», ao tentar entender «um país que vive sob

Evento assinala em Bolonha 10 anos da cátedra

«A questão da Europa no pensamento de Eduardo Lourenço vai ser o tema do evento que assinalará durante um dia inteiro, a 21 de novembro próximo, na Universidade de Bolonha os 10 anos da criação da cátedra daquela instituição universitária italiana que ostenta o nome do pensador português, revela a cotitular, Margarida Calafate Ribeiro, professora e investigadora

fortes heranças coloniais», explica a também investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Mas a reflexão de Eduardo Lourenço é igualmente tributária do seu exílio em França, quando está a acontecer a guerra da Argélia, «uma questão que fraturou» aquele país e cuja «herança ainda é uma questão decisiva na sociedade francesa contemporânea». «Portanto, Eduardo Lourenço entra na questão colonial e reflete na questão colonial, não apenas enquanto uma questão de um ditador obcecado com o seu império – porque ela vai muito além disso – mas como uma questão europeia e uma questão africana».

Os textos inéditos recolhidos no livro dão «esse imediatismo de pensamento, que é a datação dos anos 60 e que por razões óbvias não puderam ser publicados».

do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

«Teremos uma parte inicial sobre Portugal e a Europa no pensamento de Eduardo Lourenço, sobre o que está estabilizado e, depois, sobre aquilo que o pensamento de Eduardo Lourenço estimula os novos investigadores a pensarem a partir dele e não como ele», explica, acrescentando que essa «é a grande homenagem que se pode fazer a um intelectual, não é pensar como ele mas a partir dele». A responsável da CEL indica que gostaria de também promover a realização de idêntico evento em Portugal, mas os detalhes ainda não estão fechados.

internacional plural» como a AIL, e a abertura de «uma nova fronteira para a formulação de novos projetos e a criação de novas redes». «A mais-valia da AIL é justamente esta: ser uma associação multi-forme e variada, de dimensões globais», garante Vecchi. O reeleito Presidente sublinha aliás que estava longe de imaginar «o impacto que a AIL teria tido no contexto local de Macau e mais em geral da China». «Por uma semana ocupámos os principais jornais e meios de informação». A língua portuguesa, considera Vecchi, «está a ter neste momento um impulso extraordinário» e nos contactos institucionais havidos nos dias do congresso verificou que «há um enorme interesse por parte da China em relação à língua [portuguesa], que alimenta uma rede de docência, neste país, de mais de 35 universidades e que tem como plataforma fundamental Macau», garante, acrescentando que se as instituições locais e as entidades dedicadas à promoção da língua portuguesa cooperarem sinergicamente «pode-se esperar um

AIL reelege direção e marca XIII Congresso para Roma

«A nova direção da Associação Internacional de Lusitanistas saída do XII Congresso da organização, realizado de 24 a 28 de julho em Macau, foi eleita sob o «signo da continuidade», no dizer do seu Presidente reconduzido, o professor da Universidade de Bolonha, Roberto Vecchi. O congresso desta associação, criada em Poitiers em 1984, escolheu por outro lado Roma como palco da sua próxima sessão, em 2020, que será organizada pelo professor Ettore Finazzi-Agrò da Universidade de Roma La Sapienza, regressando assim à Europa, depois de ter estado em Faro em 2011, no Mindelo em 2014 e agora em Macau.

grande futuro para o português na Ásia». Segundo ele, na mesa redonda de encerramento, a Presidente do

Da direção fazem parte como Cláudia Pazos Alonso (Oxford, 1.ª Vice-presidente reconduzida), Elias Torres Feijó (Santiago de Compostela, 2.ª Vice-Presidente, reconduzido) Vincenzo Russo (Milão, Secretário-geral reconduzido), Regina Dalcastagné (Brasília, Coordenadora da Comissão Científica e diretora da revista Veredas), Cândido Oliveira Martins (Católica Portuguesa de Braga, Coordenador da Comissão Editorial) e Carlos Ascenso André (Coimbra e Politécnico de Macau, Presidente do Conselho Assessor).

«Como sempre, o Conselho Assessor eleito representa geográfica e academicamente um mapa extenso» da presença da AIL, afirma Roberto Vecchi, para quem «era previsível um retorno [à Europa do congresso da associação] depois de tantas andanças». «Há algumas comunidades nacionais de estudiosos na Europa que devem ser reintegradas (...) porque no trânsito de África e Ásia um pouco se perderam e dispersaram».

Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, Carlos Ascenso André, do Instituto Politécnico de Macau, e Benvinda Lemos de Oliveira, da Universidade

de Timor Lorosa'e, «esboçaram em conjunto um mapa extraordinário do potencial que o português pode ter, sobretudo se a trama institucional que apoia a difusão da língua permanecer densa e forte, como mostrou que é neste congresso». O congresso assistiu também a uma apresentação Plataforma9, portal que pretende «ser o maior banco de dados sobre as atividades e os projetos da língua portuguesa e das culturas que se expressam nesta língua», que fez durante a reunião 3 anos de vida. Rui Vieira Nery, da Fundação Calosute Gulbenkian, parceira no projeto, e Elias Torres Feijó, atual Vice-Presidente da AIL e antigo Presidente da associação durante dois mandatos, «apresentaram um balanço muito positivo, tanto do ponto de vista do uso da plataforma (mais de 11,2 milhões de páginas visualizadas ao longo do triénio, uma média de 7-8 notícias por dia, uma comunidade de 300 mil usuários habituais) quanto da qualidade dos dados recolhidos que permitem mapear a ampla galáxia dos estudiosos e dos estudos da e em língua portuguesa». Palco de debate «sobre temas e

investigações em andamento, como se convém a contextos científicos desta natureza», os organizadores do congresso pretendem vir a publicar os trabalhos do congresso, mas não sob a forma de atas. Uma vez que «as discussões em muitos casos ampliaram o horizonte crítico das apresentações», foi pedido aos associados que, para publicação em livro, «revejam e integrem os seus textos em função dos debates ocorridos», isto é, os «trabalhos que emergiram da dinâmica do congresso, verdadeiros ensaios em suma já confrontados com alguns colegas», refere Roberto Vecchi. A publicação dos trabalhos do congresso vai ser portanto um conjunto de estudos, «numa série de volumes que apresentam uma linha de coerência temática e metodológica», segundo o académico italiano, que indica existirem «um prazo e critérios para a entrega dos ensaios já numa forma definitiva». Estes serão depois submetidos ao peer review de pareceristas anónimos e, a partir das reformulações de acordo com os pareceres formulados, os textos aceites são reunidos e publicados, num processo a concluir em 2018.